

Velhice masculina: construção e significados da aparência entre idosos da UATI EACH/USP*

Male old age: construction and meanings of appearance among UATI EACH/USP elderly men, Brazil

Vejez masculina: construcción y significado de la apariencia entre hombres mayores de la UATI EACH/USP, Brasil

Leônidas Silva Ramos
Patrícia Yokomizo
Andrea Lopes

RESUMO: A aparência na velhice ainda é pouco investigada e abordada na literatura gerontológica brasileira, especialmente no que tange ao universo masculino. Assim, buscou-se caracterizar a construção e significados da aparência para homens idosos. Orientação etnográfica, com uso das técnicas de observação, registro fotográfico e entrevista em profundidade. Participação de nove homens idosos integrantes da UATI EACH/USP. Identificaram-se três categorias norteadoras, vinculadas ao âmbito do engajamento social: 1) masculinidade, corpo e trabalho; 2) conjugalidade; e 3) negação da velhice e inadequação etária. Os principais influenciadores foram as esposas, os tipos de ocasião e o envolvimento social. A construção da aparência e seus significados ocupavam relevante papel na compreensão do processo de envelhecimento e da velhice dos participantes da pesquisa.

Palavras-chave: Envelhecimento masculino; Aparência; Significados.

* Pesquisa financiada pelo Programa Unificado de Bolsas (PUB) da Universidade de São Paulo.

ABSTRACT: *The appearance in old age is still little investigated and approached in the Brazilian gerontological literature, especially regarding the male universe. This study aimed to characterize the construction and meanings of appearance for elderly men. Ethnographic orientation, using observation techniques, photographic record, and in-depth interview. Participation of nine men from the University for Seniors (UATI), from the School of Arts, Sciences, and Humanities - University of São Paulo, Brazil. Three categories were identified and linked to the scope of social engagement: 1) masculinity, body, and work; 2) conjugality; and 3) denial of old age and age inadequacy. The main influencers were their wives, the occasions, and the opportunities for social involvement. The construction of appearance and its meanings played a relevant role in understanding the process of aging and the old age of the participants.*

Keywords: *Male aging; Appearance; Meanings.*

RESUMEN: *La apariencia en la vejez todavía es poco investigada y discutida en la literatura gerontológica brasileña, especialmente en lo que se refiere al universo masculino. En esa investigación se buscó caracterizar la construcción y los significados de la apariencia de hombres mayores. Se utilizó de método etnográfico y técnicas de observación, registro fotográfico y entrevista en profundidad. Participaron del estudio nueve hombres mayores de la Universidad para Mayores (UATI) de la Escuela de Artes, Ciencias y Humanidades de la Universidad de São Paulo, Brasil. Fueron identificadas tres categorías, las cuales estaban relacionadas al ámbito del involucramiento social: 1) masculinidad, cuerpo y trabajo; 2) cónyuge; y 3) la negación de la vejez y inadecuación de edad. Los más influyentes en el contexto investigado fueron las esposas, las ocasiones y el involucramiento social. Se considera que la construcción de la apariencia y sus significados fueron relevantes a la comprensión del proceso de envejecimiento y de la vejez de los participantes.*

Palabras clave: *Envejecimiento masculino; Apariencia; Significados.*

Introdução

“Por que gosto da minha aparência? Porque faz parte da vida. As roupas [...] elas deixam você vistoso. As cores. Você combinado com seu estilo. Ela te deixa melhor. Ela deixa você assim. E a roupa, ela abre portas igual outras coisas na vida da pessoa.”
(Trecho do relato de participante da pesquisa).

O entendimento das condições em que estão envelhecendo os idosos brasileiros desponta para a identificação e ampliação de ações estratégicas para potencializar os diferentes significados de velhice, a satisfação com a vida e a redução dos comprometimentos à saúde. Essa compreensão envolve não somente investigações que atendam dimensões e variáveis biopsicológicas, bastante privilegiadas em estudos gerontológicos, mas igualmente socioculturais (Santana, & Belchior, 2013).

Nesse sentido, sabe-se que a velhice é marcada por mudanças, caracterizada por perdas e ganhos, considerando-se o escopo de uma determinada sociedade e tempo histórico (Neri, 2006; Neri, & Jorge, 2006). Desse modo, consoante às percepções e correlações biopsicológicas do envelhecimento, a heterogeneidade, presente nas múltiplas e complexas possibilidades de ser velho, no século XXI possui um alto potencial em termos da formulação de significados que serão importantes nas interpretações sociais, culturais e econômicas sobre o processo de envelhecer.

Como visto por Nogueira e Alcântara (2014), a velhice não se constitui de forma homogênea, mas, sim, a partir de perfis e condições de vida que podem levar os idosos a assumir diversas faces, de acordo e diretamente relacionadas com os desafios do processo de envelhecimento de um determinado período histórico. Segundo Debert (2013) e Marinho e Reis (2016), essa dinâmica difere de sociedade para sociedade, possibilitando a atribuição de significados específicos a cada período do curso de vida.

A cultura se refere aos significados construídos e compartilhados de uma sociedade, que se desenvolvem historicamente, e são expressos nas tradições, nas artes, na língua, nos rituais e nas expectativas sobre o comportamento individual e do grupo (Centro Internacional de Longevidade, 2015).

O modo como cada indivíduo se relacionará e reagirá à própria velhice tende a condizer com as experiências que vivenciou ao longo do processo de envelhecimento, assim como às relações interpessoais e com o mundo que se construiu no decorrer de sua existência (Klueger, 2017).

No Brasil, conforme a Política Nacional do Idoso (PNI), Capítulo I, Art. 2º, define-se como idoso a pessoa com idade igual ou superior a sessenta anos (Lei n.º 8.442, 1994). Segundo Debert (1994), as categorias de idade cronológica são construídas socialmente, tendo relevância quanto ao estabelecimento de direitos e deveres. O aumento da expectativa de vida e a atenção aos idosos vêm relacionando-se com uma noção de velhice que pode representar uma pluralidade de experiências.

Neri (2014) aponta que a heterogeneidade na velhice não só existe como tende a aumentar, devido à interação e sobreposição de efeitos como: a situação econômica, educacional, a diversidade de estilos, papéis sociais. Mesmo que as situações vividas por idosos carreguem pontos em comum como, por exemplo, a idade cronológica e perdas específicas, são elaborados tanto formas de enfrentamento quanto significados particulares a cada, e por cada, indivíduo, a partir da combinação harmoniosa ou desafiadora entre múltiplas variáveis biopsicossocioculturais.

A identidade de gênero é uma variável que se apresenta no debate em torno da configuração de papéis e espaços sociais na velhice que, somados a outras variáveis, como idade cronológica e geração (Coutinho, *et al.*, 2013), marcam a heterogeneidade desse segmento social. Na atualidade, nota-se que, dentre os idosos, há uma maioria de mulheres (Neri, 2014). Esse fenômeno tem atraído a atenção de pesquisadores e gerado um aumento das pesquisas com esse público, especialmente visando a identificar demandas e características típicas do universo das atuais idosas.

Silva (2013) comenta que, com o objetivo de formar uma identidade, ou marcar um *status* social, o investimento na aparência se tornou eficaz desde o início do século XVI. A partir de então, passaram a ser mais constantes as modificações no vestuário, nos adornos e comportamentos, especialmente entre as mulheres. Seferin e Linden (2014) apontam que, dentre estas, os investimentos na aparência estão presentes na dinâmica de como observam e são observadas, visando à busca contraditória e complexa de integração e singularização.

Coutinho e colaboradores (2013, p. 232) completam que a construção social do corpo, como um elemento que compõe a aparência, reforça a heterogeneidade na vida social:

Temos a visível noção de que o corpo é social e culturalmente constituído. Com isso, ao analisar a representação social do corpo, conclui-se que há várias estruturas sociais, em que cada uma atribui ao corpo humano um sentido particular e este pode não ser o mesmo para as diferentes sociedades que carregam culturas diferentes.

Plens, Domingues, Batistoni e Lopes (2012), ancoradas em Crane¹ (2006), manifestam que tais modificações, atuantes na construção da aparência, ocorrem de acordo com as mais diversas experiências do indivíduo ao longo do curso da vida. Nessa dinâmica inserem-se estímulos internos e externos, que se relacionam com fatores históricos, econômicos, familiares, entre outros.

Dessa forma, as atitudes e mentalidades que a sociedade cria em relação aos idosos podem influenciar na percepção que estes têm de si mesmos (Fernandes, 2012). Nesse sentido, a compreensão de velhice representada exclusivamente pela decadência física e que inclui rugas e cabelos brancos, como noções vinculadas à ideia de limitações, inutilidade, teimosia, acomodação, falta de propósito e capacidade de arriscar, vem sendo questionada (Marinho, & Reis, 2016).

Para Plens e colaboradores (2012), a influência desses aspectos sobre a construção da aparência contribui para a formação das identidades individuais, expressas na indumentária, nos papéis e espaços sociais, nos comportamentos, expectativas e, certamente, no desempenho de tarefas sociais.

No que tange às pesquisas sobre aparência, as mulheres novamente têm sido protagonistas, de modo que ainda pouco se sabe sobre a atenção e os investimentos em torno da aparência masculina ao longo da vida e, especialmente, na velhice. No estudo de Pereira e Penalva (2014), há indícios de que homens têm se relacionado com ações de autocuidado, segundo uma noção de rejuvenescimento e sentimentos juvenis.

Em complemento ao debate sobre aparência na velhice, Debert (2004) aponta que os idosos são convencidos pelos contextos socioculturais atuais a assumirem a responsabilidade pela sua própria condição.

¹ Crane, D. (2006). *A Moda e seu papel social: classe, gênero e identidade das roupas*. São Paulo, SP: Ed. Senac.

Esse contraste é visualizado na sociedade contemporânea e consumista, cujo padrão, associado ao que é popularmente entendido como envelhecimento positivo, é considerado aquele que mais se aproxima do ideal de beleza juvenil e vigor físico, distanciando-se do que é considerado patológico ou fora dos padrões impostos pela sociedade e pelos meios midiáticos (Delboni, *et al.*, 2013; Viana-Andrade, 2013; Coutinho, *et al.*, 2013).

As formas de apresentação pessoal produzidas pela, e em torno da, velhice tendem a influenciar a construção da aparência em idosos, podendo ser um agente modificador na percepção do envelhecimento, assim como um reforço ou não de estereótipos atribuídos à aparência na velhice (Silva, *et al.*, 2012).

Nesse contexto, o corpo é comumente entendido como um marcador etário. Tem coexistindo, de um lado, o corpo biológico, que passa por diversas alterações ao longo da vida. De outro, observa-se a concepção de um corpo simbólico-afetivo construído socialmente, entendido no seu contexto, sendo próprio de cada indivíduo, a partir de oportunidades e restrições que este experimenta nas relações que realiza ou não (Perez-Damian, 2013). Também é nele, e com ele, que o indivíduo constrói a própria aparência (Sabaté, 2016; Couto, 2012). No entanto, nem sempre ambos os corpos, o biológico e o simbólico-afetivo, coexistem de maneira harmônica e sintonizada.

Resultados de Aboim (2014) demonstraram que a perda de atributos físicos e da considerada beleza corpórea parece ser muito menos importante nos homens do que sucede com as mulheres.

Entretanto, também é verificado que há uma escassez de pesquisas e reflexões sobre como a população idosa masculina lida com a satisfação e a construção de significados em torno da sua aparência, verificando-se o que se constata na questão da afirmação de uma masculinidade pautada no trabalho. Entendeu-se que os homens possuem a necessidade de afirmar sua identidade de gênero, mais talvez do que etária.

Conforme aponta a literatura (Debert, 2004; Lopes, *et al.*, 2007; Santos, 2015), a aparência de homens idosos brasileiros tem estado intimamente relacionada com a experiência de trabalho, assim como na representação em categorias de aposentados. Portanto, faz-se necessário incrementar a compreensão do envelhecimento de maneira mais adequada às diversas realidades, uma vez que é marcado tanto por perdas e mudanças como igualmente a novas conquistas (Ferreira, *et al.*, 2014).

A forma como homens e também mulheres vivenciam a velhice a partir do prisma envolvendo a imagem do corpo, a satisfação e cuidado com a aparência é construída a partir das relações sociais estabelecidas, bem como nos modos de se apropriar das modas e dos sentidos que são atribuídos a ela (Jankowki, *et al.*, 2014; Tavares, & Silveira, 2014; Frederick, *et al.*, 2016; Shephard, *et al.*, 2016). Assim, pensar em identidade na velhice perante os diversos contextos sociais a que os idosos pertencem pode valer-se do modo como se desenvolvem a construção de significados expressos pela própria aparência. Nesse sentido, como se organizam e quais os significados construídos na aparência, enquanto exercício identitário na velhice masculina, na atualidade?

O envolvimento com a construção da aparência pode reverberar sobre a qualidade de vida, a autoestima e relações sociais, em qualquer momento da vida, conforme defendem Fin, Portella e Scortegagna (2017). No entanto, na Gerontologia, constata-se que esse tema ainda é pouco explorado. Faz-se necessário que tal debate ganhe cor e acompanhe a construção, por vezes silenciosa, dos novos modos e significados de envelhecer (Menezes, *et al.*, 2014; Pollini, 2014; Monteleone, *et al.*, 2015). Assim, o objetivo do presente estudo foi caracterizar a construção e os significados da aparência, no caso, para homens idosos.

Método

Pesquisa de caráter exploratório, descritivo e qualitativo, dividindo-se em três etapas. A coleta, tratamento e análise dos dados basearam-se nas orientações do método etnográfico proposto por Geertz (2008). Esse método propõe a inserção do investigador no grupo investigado, buscando a dinâmica dos vínculos, a composição dos discursos, a caracterização das compreensões e acordos sociais, selecionando os informantes, visando identificar e compreender significados, crenças, hábitos e códigos. Possibilita, assim, explorar atitudes, comportamentos e opiniões presentes no universo pesquisado.

A pesquisa foi realizada nas oficinas teatrais do Programa Universidade Aberta à Terceira Idade (UATI) da Escola de Artes, Ciências e Humanidades (EACH), da Universidade de São Paulo (USP). Inicialmente, foi realizada uma familiarização com o campo. As técnicas etnográficas utilizadas nessa fase foram a observação livre e participante, como também o registro de conversas informais em caderno de campo.

Houve participação semanal nas aulas de ambas as oficinas de teatro oferecidas no semestre.

Na segunda etapa, foi aplicado um questionário composto por 17 questões abertas e fechadas, organizado em dois blocos, a todos os participantes homens, em apenas um só encontro: Bloco I - perfil socioeconômico: idade; escolaridade; renda familiar; estado civil; filhos e netos; coresidência; aposentadoria; envolvimento em atividades remuneradas, sociais, esportivas e familiares regulares; Bloco II – construção da aparência e significados.

Na terceira etapa foi realizada entrevista em profundidade com cada participante, com auxílio de um roteiro semiestruturado, inspirado nos dados obtidos nas duas primeiras etapas e na literatura pertinente. Nessa última fase, ainda, utilizou-se pesquisa no acervo pessoal dos participantes e registro fotográfico das composições que estes vestiam nas entrevistas. A composição desses esforços fez alcançar o ponto de saturação.

No total, participaram da pesquisa os nove idosos homens envolvidos nas duas oficinas de teatro. As idades variaram entre 60 e 82 anos. Dentre eles, cinco idosos tinham idade entre 60 e 69; um idoso com 76 anos, e três idosos com idade igual ou superior a 80 anos. Todos afirmaram estar aposentados.

Sobre a renda mensal, um idoso recebia até um salário mínimo; cinco idosos, dois e três salários; e dois idosos, acima de quatro salários mínimos. Um idoso não respondeu à questão sobre renda. Com relação à escolaridade, dois idosos possuíam ensino fundamental completo; quatro idosos tinham ensino médio completo; e três deles, ensino superior completo.

Em relação ao estado civil, seis idosos indicaram ser casados. Dois eram viúvos, sendo que um deles relatou encontrar-se com uma companheira no momento de realização do estudo. Finalmente, um solteiro, coresidente com uma companheira. Sete afirmaram possuir filhos e netos. Todos os idosos estavam comprometidos com diferentes atividades, além da UATI.

Resultados e Discussão

O estudo identificou três categorias de análise, a saber, presentes no contexto do engajamento social: 1) masculinidade, corpo e trabalho; 2) conjugalidade; e 3) negação da velhice decadente e senso de inadequação etária.

Masculinidade, corpo e trabalho

As definições de masculinidade são consideradas construções culturais e dinâmicas, por meio das quais os indivíduos negociam crenças, interpretam experiências e geram comportamentos e atitudes (Coelho, *et al.*, 2016). Nesse sentido, mesmo referindo-se a uma mentalidade coletiva de masculinidade, os homens entrevistados relataram diferentes experiências de vida, apontando uma multiplicidade de percepções e revelando a heterogeneidade dos significados dessa concepção, quando vinculados especialmente à composição da aparência.

Nogueira e Alcântara (2014) sinalizam que, na velhice, a reafirmação da identidade de gênero pode ser relevante para os homens. Nesse sentido, Medeiros e colaboradores (2014) discutem sobre o padrão normativo masculino, que reforça o machismo e a competição na velhice, frente ao repertório feminino, mais autorizado ao des controle emocional e subjetivo. Esse cenário foi observado nos discursos dos idosos investigados, simbolizando uma tensão entre a construção de uma noção masculina de velhice e a manutenção da concepção de masculinidade própria de períodos anteriores de suas vidas, ainda valorizada.

O contexto social pode exercer a valorização ou não de comportamentos considerados masculinos, limitando ou facilitando a utilização de recursos e escolhas individuais nas situações de mudanças decorridas com a velhice (Maravilha, *et al.*, 2013).

Aboim (2014) aponta que a perda de atributos físicos e de força corporal para os homens parece ser mais importante do que se sucede com as mulheres idosas, podendo ser um fator decisório em relação à satisfação dos homens em relação à sua aparência. Em concordância a este estudo, os homens idosos investigados narraram que procuravam reinventar os modos de masculinidade na velhice, sendo o corpo e seus cuidados um eixo definidor para vivenciar da melhor maneira esse período da vida.

Assim, a percepção de uma crise do autoconceito de masculinidade envolveu-se mais com a percepção de perdas biológicas e funcionais advindas com o processo de envelhecimento do que propriamente mudanças ocorridas nos papéis sociais.

Nesse contexto, cuidar da apresentação pessoal passa ser uma estratégia de autocuidado, como relatado por um participante: *“O homem tá se cuidando mais. Acho que chega numa idade que você tem que se cuidar, andar com uma roupa boa e estar sempre limpo, com o cabelo cortado. A mulher tem mais com isso, mas a gente também gosta de se cuidar”*.

Nessa direção, como visto por Dantas (2017), os idosos entrevistados também se mostraram mais atentos ao desempenho da força física e do vigor, considerados por eles sinais exteriores de sucesso e bem-estar na velhice. Os discursos sobre o envelhecimento se relacionaram com as noções de ativo, saudável e produtivo.

Pôde-se constatar, no grupo, recorrentes relatos do envolvimento em atividades físicas e esportivas, além de outras atividades cotidianas, que exigem a manutenção da funcionalidade corporal: *“É importante praticar esporte, nessa idade [...] Manter esse hábito pra ter uma aparência melhor, né?”*.

Assim, quando questionados sobre o que mais valorizavam em suas aparências, a maioria dos homens afirmou uma satisfação em relação ao corpo, associando essa percepção positiva com os investimentos em torno da aparência.

Um idoso revelou que o que mais gostava em sua aparência eram as sobrancelhas, por chamar a atenção dos outros: *“Na minha aparência? Eu gosto da minha sobrancelha. Todo mundo fala dela. Fazer o quê?”*.

Para esse grupo de idosos, manter-se ativo, o que significa especialmente força e saúde, constitui um importante fator de qualidade de vida. Eles apontam que o homem que não cuida do corpo pode ser visto como motivo de vergonha e desleixo:

“Veja bem, se você não tem um corpo bom não pode fazer nada, nem sair de casa. Eu cuido do meu corpo porque quero estar sempre bem, que os outros me vejam que estou bem”.

Observou-se que o corpo e seus cuidados possibilitavam a garantia de manter-se envolvido socialmente na velhice, revelando a importância da aparência como estratégia de manutenção dos vínculos sociais (Fin, *et al.*, 2017): “*Sim, é importante continuar ativo (o idoso homem). (Ele tem que estar) fazendo alguma coisa. Eu faço ginástica para ter o corpo ágil. Pra fazer alguma coisa*”. Outro idoso confirma: “(O homem idoso) *tem que ter saúde. O corpo tem que tá bem pra poder sair, usar as roupas que gosta [...]. É isso que eu penso, saúde em primeiro lugar*”.

Para Bitencourt (2015), os cuidados com o corpo também implicam adesão aos padrões normativos de como devemos nos apresentar socialmente a partir de diferentes variáveis sociais, como geração, gênero e classe social. Os recorrentes discursos em torno da saúde para os idosos investigados na UATI podem ser associados com os resultados apontados por Hervik e Fasting (2017), com homens expressando a aparência de acordo com o *healthismo*, isto é, a responsabilidade do indivíduo por alcançar uma boa saúde.

A associação entre corpo, saúde e apresentação social pôde ser percebida no seguinte relato: “Na nossa idade, temos que olhar melhor pro corpo, a saúde [...]. Sem exagerar, se quisermos continuar bem-vistos”. P

Para o grupo de idosos, ainda, o vestuário deve se apresentar limpo para transparecer a percepção de cuidados com a saúde corporal. O cenário desses investimentos, no geral, estava associado à manutenção e criação de novos vínculos sociais.

Fontes e colaboradores (2012) apontam que as escolhas do vestuário masculino dialogam com os padrões comportamentais de cada homem, porém dentro de um arcabouço sociocultural ditado pelas relações com os papéis de gênero envolvidos nessa modalidade de consumo.

Assim, o processo de aquisição de vestuário para o homem, conforme Vieira-Sena (2011), atinge as representações dos sujeitos em torno da masculinidade construída no contexto sociocultural ao qual se inserem. A percepção em torno do consumo do vestuário e manutenção dos significados edificantes da noção de masculinidade pode ser visualizada através do relato: “*A gravata e o terno mostram certo poder (para o homem). Sempre chamam a atenção. Mostra poder do homem. Para mim esse é o padrão masculino*”.

Nesse sentido, o olhar do outro é um fator que reafirma a presença da aceitação para os homens idosos nos ambientes em que se inserem: *“Se você tem outras roupas, por que você vai à igreja de bermuda? Você quer [...] que mensagem você quer passar. Não é interessante”*.

Ludorf e Ortega (2013) entendem que as percepções em torno do corpo masculino são mais sentidas em virtude das características relacionadas ao mundo do trabalho para o homem, inclusive na velhice. Observou-se que o corpo e sua acepção masculina do vestir para os idosos investigados são valorizados, especialmente, de acordo com suas percepções em torno do envolvimento com o trabalho laboral realizado ao longo da vida. Ou seja, os idosos relataram expressar sua noção de masculinidade na construção de suas aparências através de peças do vestuário diretamente envolvidas com o mundo do trabalho que executaram antes da aposentadoria: uniformes, ternos, jalecos e fardas. *“Eu sempre usei bombeta nos trabalhos de segurança que fazia porque era obrigatório. Até hoje continuo utilizando porque gosto”*. O Painel 1 ilustra a afeição do idoso por chapéus até a atualidade:

Painel 1: Idoso utilizando atualmente acessório com referências ao mundo do trabalho.



Fonte: Acervo pessoal e foto de Leônidas Ramos (2018)

Partindo dos dados coletados, foi possível avaliar que os idosos valorizavam não apenas as questões envolvendo o corpo, mas as relações que o corpo estabeleceu ao longo da vida laboral e a forma determinada de vestir-se neste domínio da vida. Ferrari (2013) indica que as roupas, de certo modo, possuem um fator identitário, de acordo com a função ocupada pelo homem no mundo do trabalho. Um idoso destacou: *“Olha, eu sempre usei essa roupa quando trabalhava. Sempre gostei. Me achava apto pra fazer aquilo que me era encarregado. É importante manter um padrão até nessa idade”*.

Para Arcoverde (2014), a vontade de pertencer a determinado grupo dialoga com as exigências operadas pelo uso do vestuário. O respaldo através das experiências provenientes da identidade laboral pareceu determinante na construção masculina do vestir, ser visto e aceito entre o grupo entrevistado: *“Uso essas roupas americanas porque eu utilizava muito na época em que morava e trabalhava nos Estados Unidos. Atravessava o país num caminhão”*.

Outro idoso apontou que o trabalho, através da utilização do corpo, teve fundamental importância ao longo de sua vida, reverberando na maneira em como compunha a aparência na velhice. O Painel 2 ilustra duas passagens de sua vida, utilizando roupas consideradas como modelo esportivo para o idoso. A primeira destinada ao trabalho e a segunda às atividades da UATI:

Painel 2: Idoso utilizando roupas esportivas para o trabalho na juventude e atualmente na UATI



Fonte: Acervo pessoal e foto de Leônidas Ramos (2018)

Parte dos idosos investigados, mesmo sendo aposentados, afirmaram continuar exercendo trabalhos esporádicos, na velhice. Para eles, a influência da escolha das roupas na atualidade ainda pode decorrer da importância do trabalho em suas vidas. Tendo como base a tríade corpo-masculinidade-trabalho, um idoso comentou que a aparência masculina no trabalho incide sobre o que entende como legitimidade dos recursos pessoais e sociais: *“Se você tem uma determinada roupa, você tem contatos. Se você tem esses contatos, você tem mais acesso ao trabalho que quer exercer”*.

A praticidade, conforto e simplicidade na construção da aparência masculina também surgiu nos relatos: *“Olha [...] Sinceramente sou uma pessoa muito simples. Para mim [...] Não realizei mudanças”*. A informalidade acompanhada pela moda nas últimas décadas também faz parte da construção do vestuário dos idosos entrevistados, quando as roupas passaram a valorizar elementos como a praticidade do movimento e conforto, de acordo com as situações diárias (Pollini, 2014).

A opção pelo conforto está presente nos seguintes relatos: *“Uso essas roupas porque são confortáveis para mim, me sinto bem com elas”* e *“Gosto de usar marcas, desde que ela seja confortável”*. Em geral, apontaram que o estilo esportivo é o que mais atende a essas demandas.

O ritmo das atividades cotidianas atuais conduz ao uso de determinadas peças do vestuário masculino como o tênis esportivo, bermudas e camisetas sem mangas, como visto neste relato: *“É que eu gosto de vestir calças assim (apontando para a peça), folgada, não gosto de roupa apertada. E gosto muito de camisetas que não seja estampada”*.

Apesar de ainda relacionar-se com o mundo do trabalho, mesmo que em oposição, apenas um idoso afirmou que quis distanciar-se do estilo laboral e poder, assim, cuidar da aparência de uma maneira menos centrada e regrada pelos uniformes-padrão do local em que trabalha.

Fotos do mundo do trabalho na construção civil e observações de campo apontaram gostos e um estilo atual comparativamente diferente, mais colorido e despojado. Nesse caso, o uniforme seria um impedimento de experimentar novos estilos, acessíveis somente na aposentadoria. Em seu relato, o idoso desabafa: *“Realmente, eu só usava um tipo de uniforme. Aquilo cansa uma hora. Quero usar aquilo que eu gosto”*. A Figura 1 apresenta sua atual forma de se vestir:

Figura 1: Participante exibindo suas atuais vestimentas



Fonte: Leônidas Ramos (2018)

Em síntese, no geral, observou-se que os homens entrevistados retrataram a construção da própria aparência através do vínculo simbólico e afetivo que ainda mantinham com o universo do trabalho, ou não no caso de uma exceção, ressaltando o corpo e seus cuidados, como estratégias de atenção e manutenção de uma aparência considerada saudável, funcional, apreciada e aceita socialmente. Essa dinâmica compunha as noções de masculinidade percebidas e vivenciadas pelos investigados, possibilitando a construção de estilos e significados de aparência na velhice.

Conjugalidade

A maioria dos idosos investigados encontrava-se em relações conjugais estáveis, com a exceção de um idoso. Observou-se que a relação conjugal e a influência das companheiras foram outros elementos presentes na construção da aparência dos idosos. Em sua maioria, afirmaram não frequentar lojas de roupas ou acompanhar as tendências da moda masculina. Afirmaram ganhar roupas de outros familiares, em especial das mulheres, mas também de filhos e filhas, atendendo aos respectivos estilos. No relato de um deles, é possível encontrar a influência do filho na construção da aparência, para que possa participar de eventos sociais: *“Vai ter o casamento agora do meu neto. E [...] meu filho vai comprar uma calça nova para eu usar nesse dia”*.

Diferentemente do que foi visto por Plens, *et al.* (2012), em que a maioria de mulheres idosas de um centro de convivência afirmaram investir financeiramente na aparência, os homens idosos, em sua maioria, não destinavam tempo e dinheiro na composição da aparência. Para eles, existiam outros investimentos de maior importância nessa fase da vida, de forma a frequentar poucas lojas de roupas ou espaços destinados ao cuidado da aparência, repassando essa função à esposa ou outros familiares. Para os entrevistados, especialmente as esposas figuram como influenciadoras na hora de comprar o vestuário masculino, podendo estar associado com a ideia de união de longa duração e pela manutenção de comportamentos da aparência adequados. Mesmo buscando defender a própria autonomia na construção da aparência, o investimento vinha em oposição às opiniões das esposas: *“Ela dá opinião, mas como não pode lidar comigo, me deixa ir do jeito que eu gosto de me vestir”*. Outro idoso também refutava as críticas que recebia da esposa em torno da composição do vestuário: *“Sem palpites. Eu sou o dono do meu nariz. Ela pode criticar, mas eu vou sair como eu quero”*.

Como visto, alguns homens idosos admitiram as influências das mulheres nas escolhas que faziam na composição do vestuário. No entanto, alguns idosos afirmaram apenas receber opinião e continuavam utilizando o que gostavam. De qualquer forma, a construção da aparência passa pelo universo da conjugalidade. Como exemplo, apesar desse sentimento de autonomia e contraposição, os homens do estudo pareciam, de fato, influenciados pelas companheiras, seja compondo ou não, como analisado nos relatos obtidos em evento da UATI, na presença das esposas: *“Ela sabe que eu gosto de me vestir assim no dia a dia, bem simples. Mas quando vamos a um casamento, por exemplo, ela usa um vestido mais social. Então, eu vou lá e coloco o terno, a gravata [...]”*.

Em alguns relatos, as companheiras dos homens entrevistados também exerciam o cuidado com a manutenção da aparência, como o corte de cabelo: *“Não (frequento barbeiros). Minha esposa já é a minha cabelereira e barbeira”*; *“Sim, ajuda (a cortar o cabelo). Apara, faz um cortezinho. Apara o rabo (de cavalo)”*.

Por fim, quando indagados sobre como visualizavam a aparência de outros homens idosos, alguns entrevistados apontaram que certos idosos necessitavam manter relações conjugais para exercer também a manutenção e os cuidados sobre suas aparências. Por exemplo, para um dos idosos, quando questionado sobre os principais significados do vestuário, sua primeira resposta referiu-se à influência feminina na

manutenção de uma boa aparência na velhice: *“Minha esposa sempre diz: ‘Você tem que se vestir melhor, tem que usar isso e aquilo’”*.

A aparência esteve relacionada também ao exercício da conquista e meandros conjugais. Observou-se que, para o grupo, o homem idoso que não possui relações com uma mulher pode ser visto como mal-cuidado e fragilizado. As mulheres surgem como razão para os investimentos na apresentação pessoal. Desse modo, os homens idosos não influenciados por uma figura feminina, na visão deles, parecem não cuidar da aparência e estariam mais propensos a ter patologias, ser isolado socialmente e encontrar-se viúvo ou sem companheira: *“[...] falo da minha esposa, minha empresária e enfermeira. Aquela que dá o remedinho das 10 pra mim e mingauzinho para eu dormir”* ou, ainda: *“A maioria dos homens não se cuida. Quem se cuida mais são as mulheres e elas que acabam cuidando dos homens”*.

Fontes, *et al.* (2012) discorrem que a mulher influencia o consumo dos homens de elementos da aparência de diferentes maneiras: como especialista (apresentando e introduzindo os comportamentos de consumo) e como parceira (validando as práticas do homem). A influência feminina presente na composição da aparência masculina pôde ser confirmada através do seguinte relato: *“Você sabe a quem eu pergunto com que roupa eu vou vestir? Pra minha esposa. [Eu pergunto a ela: ‘Que roupa você acha que eu deva por?’”*. A opinião feminina também surge no próximo relato: *“Às vezes tenho críticas da minha mulher [...] (pergunto) sobre a roupa que estou usando para ver o que ela fala”*.

Os homens investigados relataram que, ao participarem de eventos acompanhados de suas cônjuges, procuravam combinar os estilos de vestir as roupas. As esposas exerciam influência na forma como ambos deviam se apresentar, na condição de casal: *“Quando vou dançar com minha mulher, costumo não repetir, mas complementar o que ela está vestindo, para formamos um casal bem apresentável. Tem que ter isso no casamento também”*.

Em evento promovido pela UATI, alguns homens compareceram acompanhados de suas esposas e pôde-se verificar as influências da mulher nos comportamentos vinculados à aparência dos idosos. Observou-se que as mulheres trouxeram alguns elementos da aparência como: pentes, pulseiras, braceletes. Era importante, para ambos, a manutenção e cuidados com aquilo que vestiam e usavam em público, para representar não apenas as individualidades de cada um, mas objetivando apresentar uma união satisfatória: *“São 56 anos de casamento (risadas). Ê [...] (Ela) está super-habituada*

comigo". Por fim, vemos: "*Acho importante estarmos bem alinhados na vestimenta, pra nossa idade, sabe?*".

Os relatos dos idosos investigados ressaltaram ainda a importância da aparência masculina como um fator de conquista e sedução, em que o homem utiliza elementos do vestuário para despertar o interesse. Aparentar estabilidade através da vestimenta, além de uma forma de ser aceito socialmente e exercitar a masculinidade, também significa ser atraente para as mulheres: "*As mulheres, por exemplo [...] os caras acham que mulher gosta. A mulher vê estabilidade no cara que está bem vestido. Em qualquer fase da vida*".

Negação da velhice decadente e senso de inadequação etária

Os atuais contextos de construção da aparência continuam investindo na dicotomia entre juventude e velhice, fazendo com que idosos busquem roupas e acessórios que se adaptem ao corpo velho, mesmo que através do consumo de produtos e serviços considerados joviais (Tavares, & Silveira, 2014; Queiroz, & Lopes, 2015). Observou-se que a sedução de se aparentar mais jovem do que a própria idade, trata-se de um dilema presente nos relatos dos idosos investigados, especialmente em termos da escolha de determinadas peças do vestuário e a preocupação dada, por exemplo, à barba e ao cabelo. De uma forma geral, o ideal de aparência masculina deste grupo esteve ancorado em um escopo de negação da velhice decadente, e na valorização dos atributos considerados socialmente típicos da juventude, como força e virilidade.

Identificar-se como idoso através da aparência se apresentou como uma dificuldade recorrentemente encontrada entre os idosos do presente estudo. A aparência pode atuar como território ou estratégia de ressignificação da vida nesse período: "*Depois eu comecei a procurar um tipo de roupa que me identificava ao homem maduro. Ao homem [...] não idoso*". Parecer jovem está associado, inclusive, a dominar e expressar valores associados à juventude, como uma sensação ou sentimento e não necessariamente a um período da vida, como nas palavras de outro idoso: "[Por] *estar bem vestido ou vestir roupa de acordo com a juventude, uma pessoa velha pode se sentir mais jovem*".

O conflito vinculado ao senso de inadequação etária quando na busca de opções e formas de apresentar-se socialmente, demonstra um desconforto entre escolher roupas entendidas como adequadas para a idade atual e, ao mesmo tempo, manter estilos

construídos e adotados ao longo da vida. Percebeu-se, ao mesmo tempo, uma flutuação das considerações a respeito do conflito, ao apontarem que também não queriam ser considerados idosos que se vestem como jovens, ao mesmo tempo que queriam evitar estilos associados ao que consideravam velhice decadente. Essa tensão identitária foi expressa por um dos idosos: *“Eu me visto de uma forma, mas não posso parecer nem (velho) muito acabado, nem muito menino, garotão. Que aí não passo respeito algum”*. Os cuidados com o corpo, como visto anteriormente como um dos principais aspectos da aparência, são retomados para reforçar essas reflexões: *“Você chega numa idade e tem que tomar cuidado para não parecer ridículo e nem muito desleixado”*.

Em concordância ao estudo de Noser e colaboradores (2017), parecer mais jovem pode, de certa forma, estimular a integração social, bem como promover impactos positivos para a saúde, uma vez que os vincula ao entendido como socialmente desejável. O seguinte relato também ilustra essa preocupação dos homens em como aparentar-se na velhice: *“Eu não quero parecer acabado. Pra minha idade parecer acabado é muito fácil. Aí tem que cuidar pra ficar ao menos parecido como era antes, sabe?”*.

Entende-se que parecer mais jovem gera no imaginário a garantia de manutenção dos vínculos e espaços já conquistados, mesmo que alguns deles sejam suportados por uma linha tênue, como a antiga rotina do mundo do trabalho. De certa forma, pode-se pensar nesses termos, uma denúncia à dificuldade de fazer circular sua nova condição e complexidade, mediante a carência de oportunidades e modelos igualmente significativos de apresentar-se velho de forma reconhecida e legitimada socialmente. A tensão entre a falta de repertório de como apresentar-se socialmente, e a inquietação com a imagem de velhice decadente, podem ser vistas no relato de um dos idosos ao se referenciar à UATI: *“(Eu) sempre escolho aquilo que convém para o momento, mas também não vou usar uma roupa mais antiquada, mais antiga, só porque estou num lugar só de velhos, como aqui”*.

Para alguns idosos, o sentimento de parecer mais jovem pode se tratar de uma forma de vincular-se socialmente, fruto resultante da tarefa de equilibrar, muitas vezes na condição exclusiva de empreendimento e mérito pessoal, ganhos e perdas do processo de envelhecimento (Junior, & Freitas, 2012; Silva, et al., 2012): *“Eu tenho até pena de gente da minha idade que tá mal cuidada, mas eu também uso roupas de gente jovem. Deve ser isso que eu estou sempre por dentro”*.

Manter-se ativo após a aposentadoria, outro valor associado a comportar-se como jovem, considerado atualizado, pareceu amenizar sensações negativas vinculadas ao que é entendido como velhice, sempre sob a ótica da decadência, não como um período do curso de vida de condição legalmente etária.

A responsabilidade pelo autocuidado com a aparência, tendo como medida parecer mais jovem, esteve vinculado a diferentes crenças apresentadas pelos entrevistados, que atuavam, por exemplo, na escolha das roupas e acessórios: *“Acredito que sim (a opção pelos cuidados da aparência na velhice), porque graças a isso não parecemos alguém ‘antigo’”*. Ainda, serve como forma de percepção do outro: *“Alguns, cuidam-se. Outros abandonam-se. Relaxam, né? Aqui mesmo (UATI) tem pessoas que se cuidam bem. Iguais a mim, que se cuidam bem. E outros, nem barba fazem”*.

Vivenciar a velhice de maneira plena significava investir em uma mentalidade e ser considerado de espírito jovem, conforme foi observado em campo. Os entrevistados consideravam-se idosos com espírito jovem, devido, em grande parte, ao envolvimento em diferentes atividades em que podiam trabalhar o corpo e conviver com outras pessoas. Tarefas e oportunidades sociais que pareciam não pertencer à velhice. O velho, visto essencialmente a partir da decadência e fragilidade, nesse sentido, seria o outro, experienciando a vulnerabilidade e a falta de cuidados com a aparência (Marinho, *et al.*, 2016). Assim, os homens idosos que não mantêm uma boa aparência, na ótica dos entrevistados, estariam mais propensos a ter mais fragilidades e serem isolados socialmente, como visto no seguinte relato:

“Quem tá aqui se cuida, cuida da aparência, da saúde, do corpo [...]. Agora, gente que tá em casa, no asilo, da minha idade ou mais novo, não se cuida. Não faz nada pra mudar, nem sai de casa ou conversa com os filhos. Aí, o cabra fica doente mesmo.”

Novamente, retoma-se a importância do corpo e da produtividade para esses homens, agora utilizados como confirmação da negação de uma velhice que não desejariam experimentar. Em estudo conduzido com homens idosos, Fernandes e Garcia (2011) encontraram, nos relatos, atributos que referenciavam a funcionalidade e a atividade, negando a velhice através do discurso sobre um ideal de corpo ativo e saudável que não pode, inclusive, pertencer à velhice.

Foi possível identificar a mesma afirmação através do seguinte relato: *“Eu diria que (os idosos) pensam em estar melhor. Em querer viver a vida, em se sentir jovem, em participar, em ser respeitado”*. O que tradicionalmente vem sendo considerado como atributo de jovens, parece não poder pertencer igualmente a outros períodos da vida.

Assim, foi perceptível que, apesar das diferenças individuais na forma de construir a aparência na velhice, os homens idosos apresentavam um ideal comum de velhice aceitável, ancorado nas noções de independência, estabilidade financeira e emocional, envolvimento em atividades sociais e culturais e a preocupação com a saúde e cuidados do corpo: *“A gente tem que se cuidar se quiser estar nos lugares, usar umas roupas mais ousadas. Aparecer pra ser visto”*.

Portanto, a idade cronológica, marco da organização social do curso de vida a partir do século XX (Debert, 2010; 2013), não parece ser um marcador social identitário forte, significativo, aglutinador, legítimo e suficiente no que tange à construção da identidade e apresentação social dos idosos entrevistados, tal como previsto pela Política Nacional do Idoso (Lei n.º 8.442, 1994), ao indicar que a velhice se inicia aos 60 anos de idade.

No entanto, no âmbito ordenador desse cenário jurídico em termos de distribuição de direitos e deveres, vale discutir: 1) o quanto a negação da própria condição – que pode ser entendida como um conjunto de questionamentos sobre o esvaziamento de satisfação identitária significativa e representativa, perante os modelos dicotômicos disponíveis de velhice – não poderia, mais do que fertilizar novos modelos de velhice, fragilizar e destituir um conjunto de direitos políticos já conquistados por esse segmento?; 2) Uma vez que velho é o outro, não se reconhecer como agente político relevante, parte desse segmento social e promotor dessas conquistas, não pode enfraquecer a legitimidade de suas mais variadas demandas? Na base desse conflito e tensões, certamente, repousa o idadismo (Castro, 2015; Mendonça, & Castro, 2016; Souza-Guides, & Lodovici, 2018).

Em estudo conduzido com idosos que se consideravam roqueiros, Piccoli, *et al.* (2012) encontrou nos relatos a mesma tensão expressa pelos idosos da UATI. A crença no conceito de eterna juventude se misturavam com os questionamentos sobre a própria idade e o fato de não se considerarem uma pessoa idosa, vista do espectro da decadência e ausência de cuidado pessoal.

Conforme visto no estudo junto aos idosos da UATI, Coutinho e colaboradores (2013) compreendem que, no contexto de velhice masculina, os principais elementos que determinariam os cuidados da aparência seriam a manutenção de uma vida socialmente produtiva. Associa-se o envolvimento social e apresentação adequada da aparência como estratégias para afastar estereótipos negativos da velhice, a saber, a decadência física e o isolamento social. Surgem novamente nesse contexto, conforme já mencionado, expressões como mentalidade jovem e ousada, entre outras, conforme visualizado no seguinte relato: *“Quem tá envolvido em alguma coisa, tá sempre com espírito e cabeça jovem. Pode ter 90 anos que se o corpo tá funcionando a cabeça tem que acompanhar esse ritmo”*.

Assim, o tipo de local frequentado também influenciava o tipo de roupa a ser vestida. Observou-se uma distinção entre as chamadas roupas casuais, usadas no dia a dia, e as roupas de ocasiões especiais, sejam de caráter laboral, educacional, esportivo, religioso ou familiar. Para os homens idosos entrevistados, existiam certos tipos de roupas e peças do vestuário que causavam impactos positivos ou negativos nos lugares em que se apresentavam, dependendo das mensagens que determinado traje quer passar: *“A presença, né? O bem-vestir é uma presença”*.

Para a maioria dos idosos deste estudo, a aparência era construída em torno da apresentação social e do propósito que o homem, independentemente da idade, queria passar em um determinado contexto em que estivesse inserido. Formam-se, desse modo, acordos sociais em torno de padrões, estilos e comportamentos socialmente aceitos que são, muitas vezes, negociáveis com o que simbolicamente se quer comunicar com a aparência: *“Se você está vestindo determinado tipo de roupa, causa uma impressão que pode ser boa ou ruim, depende do que o cara quer”*. Esse jogo entre indivíduos e coletividade esteve presente nas conversas informais. Estar sempre bem-vestido parecia importante para causar impacto ao se apresentar socialmente, obtendo o respeito dos outros e vice-versa.

Portanto, considera-se que o senso de inadequação etária, diante da tensão identitária jovem-velho, na construção da aparência dos idosos entrevistados, pode ser visto como uma forma conflituosa de resistência-aceitação de mudanças no vestuário na velhice sem, ao mesmo tempo, distanciar-se da imagem do idoso considerado legítimo nos locais em que circula, nem da imagem que tem de si próprio e de suas histórias.

A negação da velhice, tão discutida pela literatura, pode ser considerada, nesta pesquisa, como uma pista para possíveis questionamentos e formas de resistência por parte dos idosos aos modelos dicotômicos do envelhecer, buscando garantir, mesmo que, sem um projeto claro, a heterogeneidade da velhice ao questionar mecanismos juvenis de distinção que podem ser opressores.

Neste contexto masculino, o autocuidado com a aparência vincula-se à noção de que o exercício da masculinidade representa vigor físico. Em um fluxo de retroalimentação, organizar a busca, ocupação e manutenção de novos espaços e papéis sociais entendidos como significativos nesse momento da vida podem ser traduzidos em melhores cuidados com a aparência e vice-versa. O engajamento em atividades diversas, como as que são oferecidas pelas UATIs, é considerado uma estratégia eficaz contra sentimentos negativos e isolamento que acometem os idosos homens, tal como entendido pelos participantes, no presente estudo entendido como rejuvenescimento.

A aparência é, assim, uma forma de explicitar e legitimar essa conquista quase que pessoal, mesmo que dependente da avaliação dos companheiros e, no limite privado, das esposas. Assim, resta perguntar se o desafio está na velhice e sua suposta noção de decadência, ou na decadência de ofertas sociais de modelos significativos de apresentar-se e desejar-se velho, sem que, para isso, deva-se recorrer a modelos que não tratam, em sua complexidade, necessariamente de quem se é? A negação é da velhice ou trata-se de uma luta por reconhecimento identitário, direito ao exercício da heterogeneidade e da própria noção de existência?

Por fim, salienta-se ainda, nesta direção que, após algum tempo no campo, observou-se que alguns dos participantes começaram a modificar o modo como se vestiam, aguardando o momento das entrevistas. O ambiente de escuta, debate, reflexão e compreensão em torno da forma e os sentidos de como se apresentavam socialmente mostrou-se como aspecto motivador aos participantes, inclusive fortalecendo a relação entre eles. Apesar da heterogeneidade apresentada pelos idosos em termos de composição de suas aparências, os encontros igualmente se mostravam como espaço de busca por aceitação e afirmação, a respeito de pequenas mudanças que iam realizando ao longo do tempo da pesquisa em seus corpos e composição do vestuário. Essa dinâmica demonstra, mais uma vez, a importância da aparência em suas vidas e, atualmente, na velhice, especialmente como forma de comunicação e expressão pessoal.

Considerações finais

O presente estudo teve como intuito caracterizar a construção e os significados da aparência para um grupo de idosos homens participantes de oficinas de teatro da UATI EACH/USP, localizada no município de São Paulo. No geral, os dados revelaram que a trajetória da aparência e seus significados relacionavam-se com a vida laboral, as noções de masculinidade e a importância do autocuidado com o corpo, muitas vezes exercido parcialmente pelas esposas. Esses elementos colaboraram para a edificação de um estilo próprio, que buscava marcar a expressão e legitimidade de suas identidades, dinâmica que, por vezes, é bastante conflituosa, mediante os desafios da dicotomia jovem-velho.

Nesse sentido, ao final, o estudo questiona, inclusive, se de fato os idosos negam a velhice ou se usam do artifício de exaltação e culto aos atributos do estilo juvenil como forma ainda pouco clara de resistir aos poucos modelos de apresentação pessoal na velhice disponíveis, uma vez que igualmente não querem se parecer inadequados para a idade, a ponto de não serem vistos com seriedade. Em complemento, observou-se a falta de modelos sociais atualizados e que compreendessem as múltiplas possibilidades de se parecer velho. Debates sobre as crenças e acordos em torno do que se entende sobre velhice devem ser realizados.

Assim, apesar da heterogeneidade das experiências do envelhecer e dos estilos constituídos, observou-se, nos discursos dos participantes, uma tensão entre negar a noção de velhice decadente e experimentar um senso de inadequação etária, presentes nas experiências de engajamento de que participavam.

Nesse sentido, ressalta-se que o tipo de ocasião e envolvimento influenciavam a forma como se apresentavam socialmente, fortalecendo a satisfação de se manterem pertencentes também enquanto idosos. Ainda, observou-se que o consumo em torno da aparência era mais tímido, quando comparado aos estudos envolvendo mulheres idosas. Mesmo assim, investimentos na aparência surgiam como um modo de se sentirem engajados nesse momento da vida, impulsionando o estabelecimento de novos contatos, *status* e oportunidades.

A conjugalidade também marcava a forma como a aparência era construída na percepção dos entrevistados.

Destaca-se que as companheiras da maioria dos idosos estiveram presentes em diferentes momentos dos relatos sobre as trajetórias da construção de suas aparências, especialmente como forma de afirmação de uma masculinidade pautada na virilidade e sexualidade heteronormativa. A conjugalidade também estimulava a satisfação e a manutenção da apresentação pessoal.

Assim, a pesquisa observou que a compreensão de como a aparência influencia a vida dos idosos pode funcionar como recurso estratégico na gestão gerontológica de espaços formais e informais que atendem a essa população, especialmente os educativos. Ao associar a inserção de idosos com a construção dos significados da aparência na velhice, a literatura apresenta lacunas quanto ao papel das UATIs, um dos mecanismos sociais de inclusão já consolidado em diversas regiões do Brasil, como a cidade de São Paulo. É preciso também desenvolver uma visão crítica deste processo, para saber identificar os signos que retratam com fidedignidade as diferentes formas como os idosos podem e querem se apresentar socialmente. A construção da aparência e os seus significados, ainda, podem ser um ponto de partida importante para a discussão de estereótipos e mitos relacionados à velhice na atualidade, especialmente visando a investigar estratégias e medidas para combater as atitudes negativas em relação a esse segmento socioetário.

Aproximar-se da realidade sociocultural de homens idosos busca promover, por fim, um entendimento de que a velhice, tal qual o envelhecimento, tem perdas e ganhos, e que ambos são marcados pela heterogeneidade. Delinear essas possibilidades através da compreensão da aparência pode oportunizar bem-estar e diferentes formas de apresentação e engajamento social na velhice. Resumindo, conhecer como se dá a construção da aparência e seus significados no envelhecimento masculino do perfil de idoso aqui investigado apontou o potencial desta variável na promoção da identidade na velhice. Indica-se que novos estudos sejam realizados sobre a temática tão pouco investigada, especialmente estudos comparativos com outras modalidades de engajamento social, outros perfis de idosos homens e, inclusive, idosos isolados do convívio comunitário.

Assim, o estudo buscou entender que o ser humano não é um ser passivo, na medida que age ativamente em suas relações, construindo a si e participando da construção dos que estão ao seu redor.

Como afirma Sartre (2007, p. 339): “Com efeito, captar-me como *sendo visto* é captar-me como sendo visto *no mundo* e a partir do mundo”.

Nessa direção, importa desconstruir a visão pejorativa que ainda existe no que se refere à noção de velhice, como igualmente frente à idealização desse momento da vida. Ou seja, como a compreensão de nós mesmos passa irrefutavelmente pelo outro, manter uma compreensão negativa da velhice aumenta a tensão em torno deste momento de vida, dificultando uma vivência consciente, integrada, identitária e planejada. Por outro lado, exaltar a velhice como a chamada melhor fase da vida é também negar toda uma gama de alterações e desafios que são intrínsecos a este momento, muitas vezes, organizados e resolvidos de forma privada. Portanto, debater a dinâmica complexidade do que classificamos como velhice e compreendê-la como uma facticidade, de âmbito singular e coletivo, mesmo que no limite apenas do exercício discursivo, pode ser um caminho para a clareza das mentalidades e a gestão mais efetiva do processo do envelhecimento, desde idades iniciais do curso da vida.

Em síntese, a pesquisa procurou estimular o diálogo sobre a velhice em sua completude, com todas as possibilidades e dificuldades que podem ser vivenciadas pelos idosos, de forma ampla e em suas singularidades. Incluir nesse debate as diversas faixas etárias é fundamental. Afinal, quem somos nós, em qualquer que seja a idade, senão os mais velhos do amanhã?

Referências

- Aboim, S. (2014). Narrativas do envelhecimento: ser velho na sociedade contemporânea. *Tempo Social Revista de Sociologia da USP*, 26(1), 207-232. Recuperado em 01 dezembro, 2018, de: <http://dx.doi.org/10.1590/S0103-20702014000100013>.
- Arcoverde, M. (2014). Moda: tecendo outras possibilidades na construção das identidades de gênero. (2ª ed.). *Revista Periódicus*, 1-14. Recuperado em 01 dezembro, 2018, de: <https://portalseer.ufba.br/index.php/revistaperiodicus/article/view/12894>.
- Bitencourt, S. M. (2015). Gênero e envelhecimento: reflexões sobre o corpo que envelheceu. *Revista Kairós-Gerontologia*, 18(2), 443-458. Recuperado em 01 dezembro, 2018, de: <https://revistas.pucsp.br/kairos/article/view/28476/20000>.
- Lei n.º 8.442 de 04 de janeiro de 1994*. Dispõe sobre a Política Nacional do Idoso, cria o Conselho Nacional do Idoso e dá outras providências. Recuperado de: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/18842.htm.

Castro, G. G. S. (2015). Precisamos discutir sobre o idadismo. *Revista Comunicação e Educação*, ano XX, 2, 101-114. Recuperado em 01 dezembro, 2018, de: <file:///C:/Users/Dados/Downloads/Dialnet-PrecisamosDiscutirOIdadismoNaComunicacao-6072172.pdf>.

Centro Internacional de Longevidade, Brasil (2015). *Envelhecimento Ativo: um marco político em resposta à revolução da longevidade*. Rio de Janeiro, RJ.

Coelho, J. S., Giacomini, K. C., & Firmo, J. O. A. (2016). O cuidado em saúde na velhice: a visão do homem. *Revista Saúde Social*, 25(2), 408-421. Recuperado em 01 dezembro, 2018, de: <http://dx.doi.org/10.1590/S0104-12902016142920>.

Coutinho, R. X., Tomazeti, R. V., & Acosta, M. A. F. (2013). Representação de corpo na velhice: o corpo real *versus* o corpo social. *Revista Kairós-Gerontologia*, 16(4), 215-236. Recuperado em 01 dezembro, 2018, de: <https://revistas.pucsp.br/kairos/article/view/19665/14537>.

Couto, E. S. (2014). Corpos voláteis, corpos perfeitos: estudos sobre estéticas, pedagogias e políticas do pós-humano. Salvador, BA: EDUFBA. *Conjectura: Filos. Educ., Caxias do Sul*, 19(1), 195-200. Recuperado em 01 dezembro, 2018, de: <http://dx.doi.org/10.1590/S0104-12902016142920.file:///C:/Users/Dados/Downloads/2463-8982-1-PB.pdf>.

Dantas, S. G. (2017). O envelhecimento na tela: o discurso da velhice ativa em programas de TV e documentários. *Revista Novos Olhares*, 6(1), 101-114. Recuperado em 01 dezembro, 2018, de: <http://www.revistas.usp.br/novosolhares/article/view/131139>.

Debert, G. G. (1994). Gênero e envelhecimento. *Revista Estudos Feministas*, 2(3), 33-51. Recuperado em 01 dezembro, 2018, de: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/16288>.

Debert, G. G. (2004). *A reinvenção da velhice: socialização e processos de reprivatização do envelhecimento*. São Paulo, SP: Editora da Universidade de São Paulo/FAPESP.

Debert, G. G. (2010). A dissolução da vida adulta e a juventude como valor. *Horizontes Antropológicos*, 16(34), 49-70. Recuperado em 01 dezembro, 2018, de: <http://dx.doi.org/10.1590/S0104-71832010000200003>.

Debert, G. G. (2013). A Antropologia e o estudo dos grupos e das categorias de idade. In: M. L. M. Barros *Velhice ou terceira idade? Estudos antropológicos sobre identidade, memória e política*. Rio de Janeiro RJ: FGV, 49-68.

Delboni, B. S., Joaquim, S. B., Ploner, K. S., & Cyrino, L. A. R. (2013). Gerascofobia - o medo de envelhecer na contemporaneidade. *Revista Brasileira de Ciências do Envelhecimento Humano*, 10(2), 203-214. Recuperado em 01 dezembro, 2018, de: <http://seer.upf.br/index.php/rbceh/article/view/3320>.

Fernandes, M. das G. M., & Garcia, L. G. (2011). O corpo envelhecido na percepção de homens idosos. *Revista Brasileira de Enfermagem*, 64(3), 472-477. Recuperado em 01 dezembro, 2018, de: <http://www.scielo.br/pdf/reben/v64n3/v64n3a10.pdf>.

Fernandes, N. (2012). *Avaliação da discriminação social de pessoas idosas*. Dissertação de mestrado em Psicologia. Universidade da Beira Interior, Covilhã, Portugal.

Ferrari, F. B. (2013). O homem contemporâneo e sua relação com a moda. Trabalho de Conclusão de Curso de Especialização. Universidade Federal de Juiz de Fora, Instituto de Artes e Design. Especialização em Moda, Cultura de Moda e Arte.

- Ferreira, M. G., Bianchi, M., Menegócio, A. M. M., & Zago, G. M. (2014). Desconstruindo a imagem do idoso nos meios midiáticos. *Revista Kairós-Gerontologia*, 17(4), 211-223. Recuperado em 01 dezembro, 2018, de: <https://revistas.pucsp.br/kairos/article/view/23868/17127>.
- Fin, T. C., Portella, M. R., & Scortegagna, S. A. (2017). Velhice e beleza corporal das idosas: conversa entre mulheres. *Revista Brasileira de Geriatria e Gerontologia*, 20(1), 77-87. Recuperado em 01 dezembro, 2018, de: <http://dx.doi.org/10.1590/1981-22562017020.150096>.
- Fontes, O. de A., Borelli, F. C., & Casotti, L. M. (2012). Como ser homem e ser belo? Um estudo exploratório sobre a relação entre masculinidade e o consumo de beleza. *Revista Eletrônica de Administração*, 18(2), 400-432. Recuperado em 01 dezembro, 2018, de: <http://dx.doi.org/10.1590/S1413-23112012000200005>.
- Frederick, D. A., Sandhu, G., Scott, T., & Akbari, Y. (2016). Reducing the negative effects of media exposure on body image: testing the effectiveness of subverting and disclaimer labels. *Brief research report in body Image*, 17, 171-174. Recuperado em 01 dezembro, 2018, de: doi: 10.1016/j.bodyim.2016.03.009.
- Geertz, C. (2008). *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro, RJ: Guanabara Koogan.
- Hervik, S. E., & Fasting K. (2014). 'It is passable, I suppose': adult Norwegian men's notions of their own bodies. *International Review for the Sociology of Sport*, 51(7), 800-816. Recuperado em 01 dezembro, 2018, de: <https://journals.sagepub.com/doi/abs/10.1177/1012690214557709>.
- Jankowki, G. S., Diedrichs, P. C., Williamson, H., Christopher, G., & Harcourt, D. (2014). Looking age-appropriate while growing old gracefully: a qualitative study of ageing and body image among older adults. *Journal of Health Psychology*, 21(4), 550-561. Recuperado em 01 dezembro, 2018, de: doi: 10.1177/1359105314531468.
- Junior, A. M., & Freitas, S. A. de. (2012). Envelhecimento e consumo: as representações da velhice feminina no discurso midiático. *Estudos Interdisciplinares do Envelhecimento*, 17(1), 275-291. Recuperado em 01 dezembro, 2018, de: <https://seer.ufrgs.br/RevEnvelhecer/article/view/27746>.
- Klueger, C. M. B. (2017). Reflexões iniciais sobre a Velhice. *Revista Portal de Divulgação*, 51, Ano VII.
- Lopes, F. A. S. M., & Jesus, J. C. L. (2007). Gênero e envelhecimento: algumas particularidades da participação de mulheres e homens idosos em grupo. *V Jornada Internacional de Políticas Públicas*, UFMA.
- Lopes, M. S., Arantes, R. C., & Lopes, R. G. da C. (2007). Um breve ensaio sobre a aceitação da beleza na efemeridade dos corpos. *Revista Kairós-Gerontologia*, 10(20), 45-61. Recuperado em 01 dezembro, 2018, de: <https://revistas.pucsp.br/kairos/article/view/2589/1643>.
- Ludorf, S. M. A., & Ortega, F. J. G. (2013). Marcas no corpo, cansaço e experiência: nuances do envelhecer como professor de Educação Física. *Interface – Comunicação, Saúde, Educação*, 17(46), 661-675. Recuperado em 01 dezembro, 2018, de: <http://dx.doi.org/10.1590/S1414-32832013005000019>.

Maravilha, L. M. M., Santos, M. de F. de S., Gouveia, R., & Almeida, A. M. de O. (2013). As representações sociais de envelhecimento masculino e as diferentes vivências da sexualidade. *RBCEH*, 10(1), 79-91. Recuperado em 01 dezembro, 2018, de: <file:///C:/Users/Dados/Downloads/1905-Texto%20do%20artigo-13485-1-10-20140516.pdf>.

Marinho, M. dos S., & Reis, L. A. dos. (2016). Velhice e aparência: a percepção da identidade de idosas longevas. *Revista Kairós-Gerontologia*, 19(1), 145-160. Recuperado em 01 dezembro, 2018, de: <https://revistas.pucsp.br/kairos/article/view/29479/20569>.

Marinho, M. S., Chaves, R. N., Souza Filho, A. R., & Reis, L. A. dos. (2016). Identidades de idosos longevos: significados atribuídos a ser velho *Argum.*, 8(3), 146-158. Recuperado em 01 dezembro, 2018, de: DOI: <http://dx.doi.org/10.18315/argumentum.v8i3.13693>.

Medeiros, P. A., Streit, I. A., Sandreschi, P. F., Fortunato, A. R., & Mazo, G. Z. (2014). Participação masculina em modalidades de atividades físicas de um Programa para idosos: um estudo longitudinal. *Ciência & Saúde Coletiva*, 19(8), 3479-3488. Recuperado em 01 dezembro, 2018, de: DOI: 10.1590/1413-81232014198.16252013.

Mendonça, M. C., & Castro, G. G. S. (2016). Envelhecimento, idadismo e invisibilidade dos idosos na mídia. Entrevista com Laura Hurd Clarke. *Revista Comunicação, Mídia e Consumo*, 13(38), 151-155. Recuperado em 01 dezembro, 2018, de: <http://revistacmc.espm.br/index.php/revistacmc/article/view/1173>.

Menezes, T. N. de, Brito, K. Q. D., Oliveira, E. C. T., & Pedraza, D.F. (2014). Percepção da imagem corporal e fatores associados em idosos residentes em município do nordeste brasileiro: um estudo populacional. *Ciência & Saúde Coletiva*, 19(8), 3451-3460. Recuperado em 01 dezembro, 2018, de: <http://dx.doi.org/10.1590/1413-81232014198.15072013>.

Monteleone, T.V., Witter, C., & Gama, E. F. (2015). Representação social de idosos: análise das imagens publicadas no discurso midiático. *Estudos Interdisciplinares do Envelhecimento*, 20(3), 921-937. Recuperado em 01 dezembro, 2018, de: <https://seer.ufrgs.br/RevEnvelhecer/article/view/48330>.

Neri, A. L. (2006). O legado de Paul B. Baltes à Psicologia do Desenvolvimento e do Envelhecimento. *Temas de Psicologia*, 14(1), 17-34. Recuperado em 01 dezembro, 2018, de: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-389X2006000100005.

Neri, A. L. (2014). *Palavras-chave em Gerontologia*. Campinas, SP: Átomo e Alínea.

Neri, A. L., & Jorge, M. D. (2006). Atitudes e conhecimentos em relação à velhice em estudantes de graduação em educação e em saúde: subsídios ao planejamento curricular. *Estudos de Psicologia*, 23(2), 127-137. Recuperado em 01 dezembro, 2018, de: <http://dx.doi.org/10.1590/S0103-166X2006000200003>.

Nogueira, I. R. R., & Alcântara, A. O. (2014). Envelhecimento do homem: de qual velhice estamos falando? *Revista Kairós-Gerontologia*, 17(1), 263-282. Recuperado em 01 dezembro, 2018, de: <https://revistas.pucsp.br/kairos/article/view/21203/15497>.

Noser, E. N., Walther, A., & Ehlert, U. (2017). Are psychosocial resources associated with perceived facial aging in men? *Gerontology & Geriatric Medicine*, 3, 1-10. Recuperado em 01 dezembro, 2018, de: <https://doi.org/10.1177/2333721417714875>.

Pereira, C. S., & Penalva, G. A. (2014). Nem todas querem ser Madonna: representações sociais da mulher carioca, de 50 anos ou mais. *Estudos Feministas*, 22(1), 173-193.

Recuperado em 01 dezembro, 2018, de: <http://dx.doi.org/10.1590/S0104-026X2014000100010>.

Perez-Damian, A. (2013). El cuerpo como territorio de combate contra el envejecimiento (Resenha). *Convergencia, Revista de Ciencias Sociales*, 61, 255-259. Recuperado em 01 dezembro, 2018, de: <https://www.redalyc.org/pdf/105/10524674011.pdf>.

Picolli, M., Lopes, A., Araújo, J. R. C., & Graeff, B. (2012). Idosos “roqueiros” e a juventude eterna: pistas para reflexão. *Revista Kairós-Gerontologia*, 15(N.º Especial 13, Temático “Vulnerabilidade/Envelhecimento e Velhice: Aspectos Biopsicossociais”), 291-312. Recuperado em 01 dezembro, 2018, de: <https://revistas.pucsp.br/index.php/kairos/article/view/17308>.

Plens, J., Accioly, M., Batistoni, S., & Lopes, A. (2012). Envelhecimento, engajamento e aparência: percepções de idosas participantes de um núcleo de convivência de idosos. *Revista Kairós-Gerontologia*, 15(N.º Especial 13, Temático “Vulnerabilidade/Envelhecimento e Velhice: Aspectos Biopsicossociais”), 269-289. Recuperado em 01 dezembro, 2018, de: <https://revistas.pucsp.br/kairos/article/view/17307/30497>.

Pollini, D. (2014). O envelhecimento e a moda: tecendo reflexões. *Mais 60 - Estudos Sobre Envelhecimento*, 25(61), 8-25. Recuperado em 30 novembro, 2018, de: https://www.sescsp.org.br/online/artigo/8894_o+envelhecimento+e+a+moda+tecendo+reflexoes.

Queiroz, L. N. de, & Lopes, R. G. da C. (2015). Moda Exclusiva. *Revista Portal de Divulgação*, 46, 78-82.

Sabaté, R. C. D. (2016). Envelhecimento e sociedade: um debate sobre o lugar do idoso no Brasil contemporâneo. Dissertação de mestrado em Ciências Sociais. Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Filosofia e Ciências, Marília, SP.

Santana, C. da S., & Belchior, C. G. (2013). A velhice nas telas do cinema: um olhar sobre a mudança dos papéis ocupacionais dos idosos. *Revista Kairós-Gerontologia*, 16(1), 93-116. Recuperado em 01 dezembro, 2018, de: <https://revistas.pucsp.br/index.php/kairos/article/view/20343/15100>.

Santos, P. M. (2015). Lazer e grupos de convivência para idosos: um estudo sobre a participação de homens em Florianópolis, SC. Dissertação de mestrado. Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Desportos. Programa de Pós-Graduação em Educação Física, Florianópolis, SC.

Seferin, M. T., & Linden, J. C. S. V. D. (2014). Você é o que você veste: relações simbólicas entre produtos de moda e identidades. *Blucher Design Proceedings*, 1(4), 1-9. Recuperado em 01 dezembro, 2018, de: DOI: 10.5151/designpro-ped-00862.

Shephard, A., Pookulangara, S., Kinley, T.R., & Josiam, B. M. (2016). Media influence, fashion and shopping: a gender perspective. *Journal of Fashion Marketing and Management*, 20(1), 4-18. Recuperado em 01 novembro, 2018, de: DOI: 10.1108/JFMM-09-2014-0068.

Silva, E. K. R. (2013). Moda, informação e cultura. *Revista IARA*, 6(1), 66-89. Recuperado em 30 novembro, 2018, de: http://www1.sp.senac.br/hotsites/blogs/revistaiara/wp-content/uploads/2015/01/05_IARA_vol6_n1_Artigo.pdf.

Silva, N. P., Cachioni, M., & Lopes, A. (2012). Velhice, imagem e aparência: a experiência de idosos da UNATI EACH/USP. *Revista Kairós-Gerontologia*, 15(7), 235-257. Recuperado em 01 novembro, 2018, de: <https://revistas.pucsp.br/kairos/article/view/15251/11377>.

Silva, W. V. (2016). Sexualidade na terceira idade: o olhar da sociedade sobre o idoso. Tese de Bacharelado em Serviço Social. Centro Universitário Tabosa de Almeida. ASCES/UNITA, Caruaru, PE.

Souza-Guides, A. C. N. de, & Lodovici, F. M. M. (2018). O Idadismo/Ageísmo sob a escuta dos idosos: efeitos de sentido e a utopia de um novo envelhecer. Lodovici, F. M. M. (2018). (Org.). *Envelhecimento e Cuidados – uma chave para o viver*. São Paulo, SP: Portal Edições.

Tavares, O., & Silveira, V. (2014). Experiências de envelhecimento na praia. *Revista Kairós-Gerontologia*, 17(3), 271-284. Recuperado em 01 novembro, 2018, de: <https://revistas.pucsp.br/kairos/article/view/22302/16255>

Vargas, A. C., & Portella, M. R. (2013). O diferencial de um grupo de convivência: equilíbrio e proporcionalidade entre os gêneros. *Revista Kairós-Gerontologia*, 16(3), 227-238. Recuperado em 01 novembro, 2018, de: <https://revistas.pucsp.br/kairos/article/view/18546/13733>

Viana, H. B., & Andrade, J. S. S. de. (2013). Fotografia e imagem corporal na maturidade. *Revista Kairós-Gerontologia*, 16(4), 103-123. Recuperado em 01 novembro, 2018, de: <https://revistas.pucsp.br/kairos/article/view/19632/14505>.

Vieira-Sena, T. A. (2011). Construção da identidade masculina contemporânea por meio da roupa íntima. Dissertação de mestrado em Design. Universidade Anhembi Morumbi, São Paulo.

Leônidas Silva Ramos – Graduação em Gerontologia e colaborador do grupo de pesquisa, ensino e extensão Envelhecimento, Aparência e Significado (EAPS), ambos da Escola de Artes, Ciências e Humanidades (EACH) da Universidade de São Paulo (USP).
E-mail: leonidas.ramos@usp.br

Patrícia Yokomizo – Graduação em Têxtil e Moda. Mestre em Gerontologia, fundadora e membro do grupo EAPS, todos da EACH/USP, Brasil.
E-mail: pati@usp.br

Andrea Lopes – Antropóloga, docente da Pós-Graduação em Gerontologia e das Graduações em Gerontologia e Têxtil e Moda. Fundadora e coordenadora do grupo EAPS. Todos da EACH/USP, Brasil. Orientadora da pesquisa.

E-mail: andrealopes@usp.br